

Entrevistando na sala de artes: percursos por uma educação contra-hegemônica

Interviewing in the arts room: paths towards a counter-hegemonic education

Entrevista en la sala de artes: caminos hacia una educación contrahegemónica

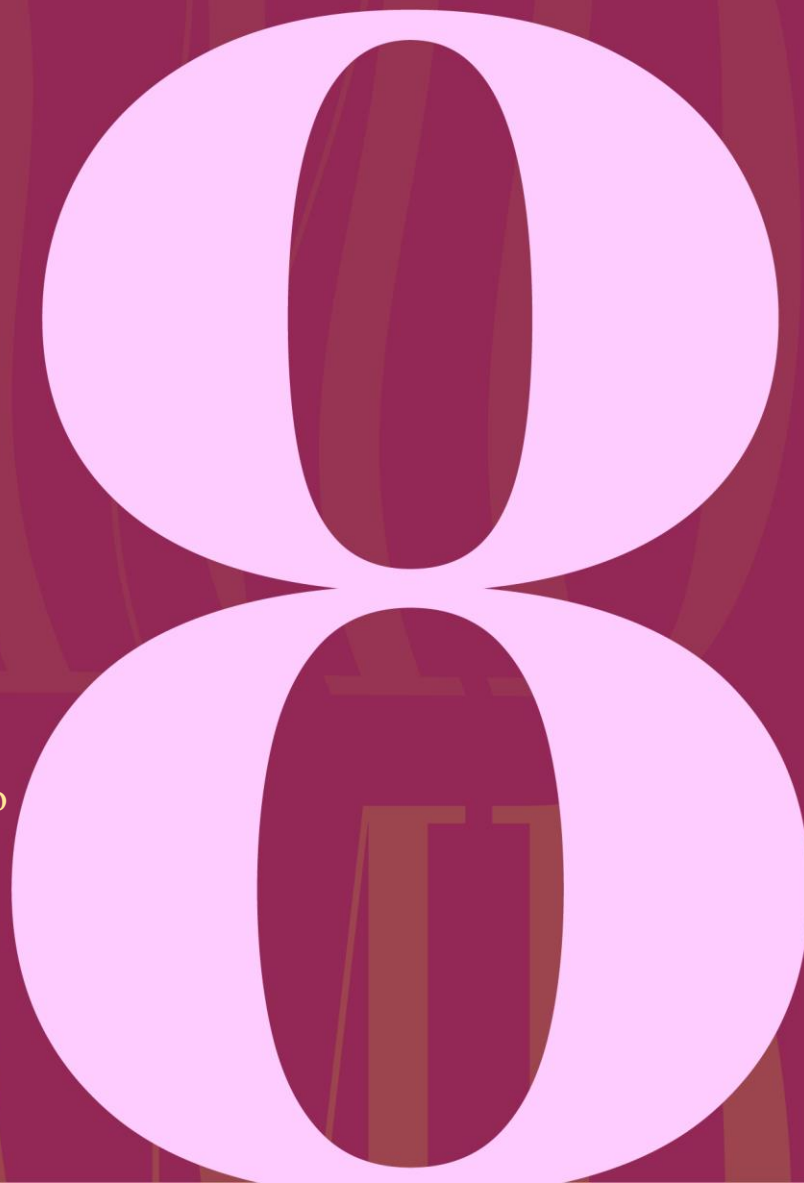
Entrevistador

Thalita Emanuelle de Souza¹

Janaina Enck²

Entrevista concedida em 4 de novembro de 2023, via Google Meet.

DOI: 10.5965/25944630812024e5013



Resumo

A entrevista surge a partir de discussões sobre o quadro **Entrevistando na sala de artes** do canal do Laboratório Interdisciplinar de Formação de Educadores (LIFE) no Youtube. O quadro, iniciado em 2019, tem o propósito de entrevistar professores da educação básica que dialogam com a pedagogia histórico-crítica (PHC). Com oito entrevistas até o momento, decidimos entrevistar a professora **Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva**, figura central tanto no quadro do canal quanto em nossos estudos sobre PHC, em nossa docência e carreira acadêmica. A iniciativa de realizar a entrevista surgiu durante a disciplina Tópico Especial: Ensino das Artes Visuais na Atualidade, ministrada em 2023/2 pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV/UDESC). A entrevista foi proposta como atividade avaliativa, alinhando-se ao objetivo de abordar professores com pesquisas relacionadas ao ensino de artes visuais na contemporaneidade. Optamos por entrevistar a professora Maria Cristina, nossa orientadora, cujo percurso docente e pesquisa significativa contribuem para a área de ensino de artes visuais. Dessa forma, a entrevista proporciona não apenas a retomada do quadro, mas também uma reflexão sobre a influência da PHC em nossos estudos e prática docente, além de destacar a importância da professora Maria Cristina como referência no ensino de artes visuais a partir do materialismo histórico-dialético.

Palavras-chave: Ensino de Artes Visuais; Pedagogia Histórico-Crítica; Materialismo Histórico-Dialético.

Abstract

The interview arises from discussions about the series "Interviewing in the Art Room" on the Laboratório Interdisciplinar de Formação de Educadores (LIFE) channel on YouTube. Launched in 2019, the series aims to interview elementary school teachers engaged in Pedagogia Histórico-Crítica (PHC). With 8 interviews to date, after a period

¹ Graduada em arte-educação pela Universidade Estadual do Centro-Oeste, Unicentro-PR. Pós-graduada em artes visuais. Mestra em arte pela Universidade do Estado de Santa Catarina, Udesc, com mestrado profissional em arte - PROFartes. Integrante do Observatório da Formação de Professores no Âmbito do Ensino de Arte: estudos comparados entre Brasil e Argentina - OFPEA/BRARG; do Grupo de Pesquisa Arte e Formação nos Processos Políticos e Contemporâneos - Udesc; e do Clube de Fotografia Sopro Coletivo - Udesc. Professora de arte do quadro próprio do magistério do estado do Paraná, atuante em sala de aula desde 2009. Tem interesse de estudo e pesquisa na área de arte e ensino. Acredita e luta por uma escola pública de qualidade. E-mail: thalita.e.souza@hotmail.com Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7888323013690464> Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3582-8476>

² Mestra em artes visuais pelo Programa de Mestrado Profissional Prof-Artes da Universidade Estadual de Santa Catarina - Udesc, na linha de pesquisa Abordagens Teórico-Metodológicas das Práticas Docentes. Membro do Grupo de Pesquisa Arte e Formação nos Processos Políticos Contemporâneos - CNPq/Udesc e do Observatório da Formação de Professores no âmbito do Ensino de Arte: estudos comparados entre Brasil e Argentina - OFPEA/BRA-ARG. Trabalha na área educacional desde 2012 e é professora efetiva da prefeitura municipal de Florianópolis desde 2015, atuando com o ensino de artes visuais no ensino fundamental I e II e como professora preceptora do programa Residência Pedagógica no subprojeto Artes da Udesc. E-mail: thalita.e.souza@hotmail.com Lattes: <https://lattes.cnpq.br/5420147411343359> Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8028-4020>

of inactivity, we decided to interview Professor Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva, a central figure in both the series and our studies on PHC in our teaching and academic careers. The initiative to conduct the interview originated during the course "Special Topic: Teaching Visual Arts Today," held in 2023/2 by the Graduate Program in Visual Arts (PPGAV/UDESC). The interview was proposed as an evaluative activity, aligning with the goal of engaging with teachers conducting research related to contemporary visual arts education. We chose to interview Professor Maria Cristina, our advisor, whose teaching journey and significant research contribute to the field of Visual Arts education. Thus, the interview provides not only a review of the series and its revival but also a reflection on the influence of PHC on our studies and teaching practice. It emphasizes the importance of Professor Maria Cristina as a reference in Visual Arts education based on Historical-Dialectical Materialism.

Keywords: *Teaching Visual Arts; Historical-Critical Pedagogy; Historical-Dialectical Materialism.*

Resumen

La entrevista surge de las discusiones sobre la serie "Entrevistando en el Aula de Arte" en el canal Laboratório Interdisciplinar de Formação de Educadores (LIFE) en YouTube. Lanzada en 2019, la serie tiene como objetivo entrevistar a maestros de escuela primaria comprometidos con la Pedagogía Histórico-Crítica (PHC). Con 8 entrevistas hasta la fecha, después de un período de inactividad, decidimos entrevistar a la Profesora Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva, una figura central tanto en la serie como en nuestros estudios sobre PHC en nuestras carreras docentes y académicas. La iniciativa de realizar la entrevista surgió durante el curso "Tema Especial: Enseñanza de las Artes Visuales Hoy", realizado en 2023/2 por el Programa de Posgrado en Artes Visuales (PPGAV/UDESC). La entrevista se propuso como una actividad evaluativa, alineándose con el objetivo de relacionarse con maestros que realizan investigaciones relacionadas con la educación visual contemporánea. Elegimos entrevistar a la Profesora Maria Cristina, nuestra asesora, cuyo recorrido docente e investigación significativa contribuyen al campo de la educación en Artes Visuales. Así, la entrevista proporciona no solo una revisión de la serie y su resurgimiento, sino también una reflexión sobre la influencia de la PHC en nuestros estudios y práctica docente. Enfatiza la importancia de la Profesora Maria Cristina como referencia en la educación en Artes Visuales basada en el Materialismo Histórico-Dialéctico.

Palabras clave: *Enseñanza de Artes Visuales; Pedagogía Histórico-Crítica; Materialismo Histórico-Dialéctico.*



Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva, 2023.

Graduada em educação artística pela Universidade do Estado de Santa Catarina (1988). Mestre em educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (1998). Doutora em engenharia de produção pela Universidade Federal de Santa Catarina (2004) na linha de mídia e conhecimento. Em 2010, realizou estágio de pós-doutorado na Universidad de Sevilla/Espanha desenvolvendo pesquisa junto à Escola da Organización Nacional de Ciegos Españoles. Em 2011, desenvolveu estágio de pós-doutorado na Universidad Nacional Del Arte - IUNA, em Buenos Aires, Argentina. Desenvolveu pesquisa junto ao setor educativo do Museu de Arte Latinoamericano de Buenos Aires - Malba. É professora titular do Centro de Artes da Universidade do Estado de Santa Catarina. Atua como professora do mestrado e doutorado em artes visuais (PPGAV). Atua no mestrado e doutorado em educação (PPGE) e no mestrado profissional de artes - PROFartes, Udesc. Linha de investigação: ensino de arte. Tem experiência na área de educação, na interface com a arte, atuando com ênfase na

formação de professores, no ensino de artes e nas tecnologias. Coordenou o Programa de Pós-graduação em Artes Visuais - Udesc, de 2011 a 2014. Coordenou com a professora doutora Regina Finck Chambeck o PIBID Interdisciplinar da Udesc entre 2014 e 2017. Foi diretora geral do Centro de Artes - Ceart/Udesc entre 2017 e 2021. Coordenou o subprojeto Artes Residência Pedagógica entre 2020 e 2024. Atualmente, coordena o projeto bilateral intitulado: Observatório da Formação de Professores no Âmbito do Ensino de Arte: estudos comparados entre Brasil e Argentina - OFPEA/BRARG, e o Laboratório Interdisciplinar de Formação de Professores - LIFE - Ceart - Udesc. Coordena o Programa PROFartes – Udesc, 2022-2024.

1 Introdução

Esta entrevista faz parte de dois cenários.

O primeiro é o seu desenvolvimento como parte da conclusão da disciplina **Tópico Especial: Ensino das Artes Visuais na Atualidade**, do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina - PPGAV/Udesc, com o intuito de entrevistar professores que trazem discussões relativas ao ensino de artes visuais e que possam contribuir para o avanço nessa área.

Para esse primeiro cenário, as autoras deste artigo entrevistaram a professora **Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva**. E o escopo dessa conversa inclui a trajetória profissional da pesquisadora, sua aproximação com o materialismo histórico-dialético e os projetos que realiza dentro e fora da universidade.

E o segundo cenário é a gravação da entrevista para posterior divulgação no quadro **Entrevistando na sala de artes**, do canal do Laboratório Interdisciplinar de Formação de Educadores (LIFE) no Youtube, que visa entrevistar professores que se aproximam da pedagogia histórico-crítica (PHC) e que falam, a partir desse lugar, sobre tentativas didáticos-metodológicas sob essa perspectiva.

O texto de apresentação do quadro que está divulgado no site apresenta os seguintes objetivos:

- a) evidenciar a prática pedagógica no ensino de artes de educadores que compartilham do ideário da PHC;
- b) problematizar aspectos da atuação docente que seja de interesse do professor que atua na escola de educação básica;
- c) divulgar as concepções de ensino de artes da PHC, na perspectiva de uma pedagogia socialista (SOUZA, 2021).

A entrevista ocorreu via Google Meet, já que a entrevistadora Thalita Emanuelle de Souza estava em Curitiba-PR, Janaína Enck, em Florianópolis-SC, e a professora Maria Cristina, em Rancho Queimado-SC.

O quadro **Entrevistando na sala de artes** é exibido no canal do Laboratório Interdisciplinar de Formação de Educadores (LIFE/Udesc), no Youtube.

Ele foi idealizado pelas professoras Maria Cristina e Thalita Emanuelle de Souza. Estreou em 2021, buscando:

- a) dar visibilidade ao trabalho de professores que ensinam artes na sala de aula da educação básica;
- b) contribuir para os estudos relacionados ao ensino de artes visuais;
- c) e construir um rico acervo de depoimentos de experiências pedagógicas para que reverberem em pesquisas posteriores.

2 Entrevista

Thalita:

Bem-vindos a mais um programa Entrevistando na sala de artes. Hoje, teremos uma dinâmica um pouco diferente. Junto comigo para fazer essa entrevista vai estar a professora Janaína, minha colega de doutorado. Seja bem-vinda, Janaína!

Janaína:

Olá, boa tarde a todos, todes e todas. É um grande prazer estar de volta aqui para essa entrevista. Eu já fui uma convidada do programa. Estive em 2022 e, agora, estou aqui em outro contexto, como colega da Thalita no PPGAV. Agradeço pelo convite.

Thalita:

E hoje, nós vamos entrevistar uma pessoa que muito nos auxilia e incentiva nessa caminhada e nos motiva a trabalhar dentro de uma pedagogia contra-hegemônica, a enfrentar esses percalços tanto da docência quanto da vida acadêmica. Chamamos para a entrevista a professora **Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva**, pesquisadora do ensino e formação de professores em artes visuais, nossa orientadora e professora do PPGAV. Seja bem-vinda professora, agradecemos muito sua disponibilidade.

Maria Cristina: Boa tarde para todos, todas e todes! Então, estamos aqui nessa tarefa, no nosso programa: **Entrevistando na sala de arte**. E eu, ansiosa para ver o que vocês prepararam para esta entrevista.

Thalita:

Então, professora, esta entrevista surgiu, primeiramente, pois eu e a Janaína percebemos que o programa estava parado há algum tempo. E decidimos entrevistar quem começou tudo isso, o programa e o percurso, junto à PHC, com o Grupo de Estudos Arte e Formação nos processos políticos contemporâneos, com o Observatório de Formação de Professores de Artes Visuais, e que, também, mantém um olhar atento tanto ao seu trabalho na universidade quanto ao que está sendo feito nas escolas públicas do ensino básico. Por isso, e por toda a sua luta por uma educação pública e de qualidade, é que objetivamos esta entrevista.

Janaína:

O que poucas pessoas sabem é sobre a sua trajetória enquanto professora da educação básica. Então, gostaríamos de começar o programa pedindo para você falar como foi esse processo na escola básica e a transição para o ensino superior.

Maria Cristina: Por meados da década de 1980, eu fui fazer o ensino médio e escolhi o curso de magistério. Foi ali o meu início no âmbito educacional. E foi ali também que eu me aproximei de certa forma da área de artes, porque, durante o ensino médio, eu atuei pela primeira vez como auxiliar de classe em uma escola de educação infantil. Essa escola tinha uma proposta diferenciada, a partir da música, mas o meu foco naquele momento era o teatro. E, posteriormente, como não havia ainda o curso de teatro, eu iniciei minha formação no curso de licenciatura em educação artística com habilitação em artes plásticas. Hoje, seria em artes visuais.

Na graduação, por uma necessidade econômica, eu logo comecei a dar aulas. Foi no segundo ano do curso, entre 1986 e 1987, aproximadamente, que eu comecei a lecionar artes na rede municipal de Florianópolis.

Em 1992, eu me efetivei na rede. Naquele momento, já tinha alguma experiência como professora substituta, e atuei em várias escolas da rede municipal.

Comecei a fazer uma especialização em arte-educação na UDESC. E, vejam: hoje, fazer uma especialização é fácil. Você abre a internet, tem um cardápio oferecendo diversos cursos. A maioria deles, inclusive, é paga. Mas, naquela época, era uma coisa muito mais difícil. E foi nesse momento que a UDESC teve a sua primeira turma de pós, formando, na sua maioria, professores que atuavam nas redes estadual e federal, e na própria UDESC, no Centro de Artes.

Muitos professores qualificados deram aula nessa especialização, como Ana Mae Barbosa³. E foi na segunda turma que eu ingressei.

Eu já era professora efetiva no município, já atuava lecionando artes, e surgiu a possibilidade de fazer um processo seletivo para a disciplina de estágio no curso de educação artística da UDESC.

Assim, iniciei minha carreira como professora substituta e lecionei de 1992 a 2001.

É bom lembrar que, naquela época, os processos seletivos tinham maior duração, cerca de quatro anos.

Em 2001, as regras mudaram e eu não pude refazer o processo seletivo. A essa altura, já estava há nove anos como professora substituta. E foi nesse rompimento de contrato que eu montei, junto com uma colega, uma escola de educação infantil, onde trabalhei por alguns anos. Depois, voltei para a UDESC.

Em 2006, eu fiz concurso e me efetivei como professora no Centro de Educação a Distância⁴, porque a minha tese era nessa temática da EAD.

Eu atuei nas disciplinas de educação especial e, um pouco mais tarde, atuei em metodologia do ensino das artes no curso de pedagogia.

Em 2013, pedi uma mudança de centro e isso foi um processo bem conturbado que iniciou em 2006 e terminou em 2013, consolidando a minha mudança para o Centro de Artes, onde atuo até hoje.

³ Ana Mae Tavares Bastos Barbosa (Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1936). Professora, arte-educadora e pesquisadora. Sua obra é voltada para a teoria do ensino e a história da arte. Barbosa é responsável pela sistematização da abordagem triangular da arte-educação, que constitui uma das bases conceituais de parâmetros curriculares de ensino de arte.

⁴ Centro de Educação à Distância da UDESC. Para saber mais, acesse: <https://www.udesc.br/ccad/sobreocentro>

Quando eu comecei a lecionar artes na rede municipal de Florianópolis, ainda havia um movimento forte de uma perspectiva polivalente de ensino de arte.

Mas, por volta da década de 1990, já havia concurso por área.

Eu não me lembro exatamente do ano em que começou⁵, mas sei que a rede municipal de Florianópolis foi precursora nesse contexto de contratação por área, para música, para artes visuais, para teatro e para alguns projetos que existiam naquela época, no contraturno, para outras linguagens, como, por exemplo, a dança.

E a disciplina de arte também teve diferentes momentos na rede municipal, como ter duas horas/aula por turma, depois três horas/aula por turma, isso principalmente no ensino fundamental, porque, no tempo em que eu ministrei aula no município, que foi até 2005, houve vários modelos, várias formas de organização.

Mas foi um avanço quando se conseguiu retirar a educação religiosa do currículo e inserir três aulas de arte para os sétimos e oitavos anos. Eu não cheguei a trabalhar com a organização dos nonos anos.

Outro aspecto que eu também acompanhei na rede foi a entrada das pessoas com deficiência na aula de arte. Foi bem interessante. Nós começamos a receber alunos com deficiência e professores que atuavam como apoio nesse âmbito.

Naquele primeiro momento, não havia formação específica, e eu fiquei alguns anos preocupada com essa temática, pensando sobre a formação de professores nesse aspecto.

E o fato de ensinar na rede municipal e na universidade estadual, ao mesmo tempo, foi sempre um elemento de retroalimentação. A escola básica me fornecia elementos para uma melhor docência no ensino superior, e o ensino superior me dava, digamos assim, as atualizações, as bibliografias, tudo mais rápido, tudo mais atualizado, para qualificar a minha atuação na educação básica.

Mais ou menos, essa é minha trajetória de 15 anos na rede municipal de Florianópolis até a minha atuação como professora do ensino superior.

⁵ Segundo dados da Proposta Curricular da Rede de Ensino do Município de Florianópolis, em 1997, a secretaria de educação do município passou estabelecer parceria com a UDESC para a revisão da proposta curricular municipal, incluindo a implementação dos componentes curriculares artes/música, artes/teatro, artes/artes visuais. No ano seguinte, foi realizada a primeira contratação de profissionais com habilitação específica para cada uma das linguagens. Apenas em 2011, foi efetivada a primeira profissional com habilitação e ensino de dança, dentro do componente curricular artes/dança. (Disponível em: https://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/23_06_2017_11.13.21.b097b0d2d26af5819c89e809f8f527a2.pdf).

Thalita:

Professora, esse alinhamento entre educação básica e o ensino superior, de certa forma, traz outro olhar para a formação docente. Tendo isso em vista, gostaria de perguntar quando você se aproximou da vertente do materialismo histórico-dialético e começou a discutir essa teoria para uma educação transformadora para os filhos e filhas da classe trabalhadora?

Maria Cristina: Eu penso que são dois aspectos.

O primeiro deles é o fato de eu ter feito parte do movimento estudantil⁶ na década de 1980, quando o marxismo era uma leitura obrigatória.

Colegas que atuavam comigo naquele momento me apresentaram essas leituras.

Fiz parte de um grupo nesse movimento chamado Caminhando, que tinha uma organização bastante politizada e trabalhava fundamentada em Gramsci⁷.

Parte daí esse elemento de formação política, e foi a universidade que me propiciou o aprofundamento.

Hoje, chega-se à pós-graduação e a pessoa encontra uma professora trabalhando na vertente do materialismo histórico-dialético.

Quando eu cheguei ao mestrado, todos os meus professores trabalhavam nessa linha, era a linha que predominava na década de 1980. E esse é o segundo aspecto.

Isso estabeleceu um recorte bastante fundamental em toda a minha turma de mestrado, na qual só uma pessoa não trabalhava com essa teoria.

Hoje, encontramos uma realidade muito diferente daquele momento. Eu penso que são esses dois aspectos.

Entre mestrado e doutorado, atravessei uma crise desses pressupostos. Quando começou a se consolidar o movimento da queda do regime socialista na União Soviética, a queda do muro, todo o contexto da Perestroika, e tudo o que

⁶ Para compreender mais sobre movimentos estudantis ler: <https://www.politize.com.br/movimento-estudantil/>

⁷ Antonio Gramsci, teórico e ativista político marxista, nasceu na Sardenha, Itália, em janeiro de 1891.

aconteceu nas décadas de 1980 e 1990, digamos que a nossa teoria foi para o porão e eu fiquei alguns anos sem acesso a ela, inclusive na pós-graduação.

Tanto é que a minha tese nada tem a ver com o materialismo histórico-dialético. Eu trabalhei com o que tinha, digamos assim, de mais próximo às questões sociais na época, que eram os estudos culturais. A minha formação de doutorado foi toda focada neles e talvez por isso eu consiga fazer uma crítica clara acerca de quais as contradições colocadas nesses estudos culturais.

Acerca do materialismo histórico, ainda debruçada sobre os estudos culturais, eu pude aprofundar a minha visão e retomar o materialismo histórico-dialético, depois, de uma forma muito diferenciada.

Foi bem interessante porque, nesse percurso, eu fui fazer um pós-doutorado na Espanha, por volta de 2010, 2011, e comecei a me encontrar com uma série de exposições que traziam de volta temáticas e até falas de Marx⁸ que retomavam algumas questões. Isso fez surgir novamente o meu contato com o materialismo histórico-dialético e eu fui me reencontrando com essas teorias.

Tive algumas parcerias na UDESC, como a da professora Mariléia⁹. Foi um marco. Até 2011, eu ainda trabalhava com os estudos culturais e estava procurando uma teoria que me levasse de volta ao materialismo histórico-dialético.

Eu e meus orientandos criamos um grupo de estudos nosso quando eu ainda estava trabalhando no CEAD. Esse grupo foi crescendo e continuamos com ele até hoje.

Foi por volta de 2013, 2014 que eu comecei a retomar isso. E todos esses elementos foram compondo esse meu cenário.

Há uma situação partidária que faz parte desse contexto, que pouca gente conhece a meu respeito e que eu nem sempre consigo me dedicar da forma como eu

⁸ Karl Marx (1818-1883), filósofo, ativista político alemão, um dos fundadores do socialismo científico e da sociologia.

⁹ Mariléia Maria da Silva, professora titular do quadro permanente da Universidade do Estado de Santa Catarina, Udesc, atuando no Centro de Ciências da Educação, no curso de pedagogia e nos cursos de mestrado e doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação, na linha de pesquisa política educacional, formação e ensino. Atua principalmente nos seguintes temas: capital/trabalho, Estado, políticas educacionais, reestruturação produtiva, mercado de trabalho e jovens. Foi vice-coordenadora do GT 09 - Trabalho e Educação, da Anped. É membro do corpo editorial científico nacional da Revista Germinal: marxismo e educação em debate. É editora da revista Linhas/PPGE/UDESC. É chefe do departamento de pedagogia da Udesc (2021-2023).

gostaria, mas está presente na minha formação e nos meus pressupostos: são as minhas parcerias de debate.

Janaina:

Queremos saber, se você pudesse falar um pouco mais, sobre o surgimento do Observatório¹⁰ e a dimensão que esse projeto tem até os dias de hoje.

Maria Cristina: Isso é bem interessante porque envolve um contexto familiar. Em 2009, o meu pai faleceu e sou filha única.

Eu estava na iminência de ter a possibilidade de fazer o pós-doutorado, já com tudo meio acertado, mas eu não queria ficar um ano fora do país e deixar minha mãe sozinha. Então, pensei o que eu poderia fazer porque, desde o doutorado, eu ainda estava na questão da educação especial.

Eu disse: “Bom, vou para dois países, um mais perto e um mais longe. ”

Eu fui para Sevilha e fiz a metade do pós-doutorado na escola do cego espanhol. Lá, pude assistir às aulas de professores de arte e, quando voltei, fui fazer a outra metade na Argentina.

Eu me vinculei, na época, a uma universidade por indicação de um colega da Udesc, que foi o Instituto Universitario Nacional Del Arte - IUNA, hoje chamado de Universidad Nacional del Arte - UNA, e todos os cursos de lá são na área de arte. Nós não temos nenhuma nesse modelo no Brasil.

Na UNA, eles têm: cerâmica, teatro, artes visuais, música, interpretação. São muitos cursos e até um doutorado em artes visuais, que é tudo na carreira de artes.

E eu fui para lá. Precisava de uma pessoa orientadora, doutora e, no contexto da Argentina naquele momento, não havia tantos doutores como hoje. Já faz 13 anos, hoje é um contexto muito diferente.

¹⁰ O Observatório da Formação de Professores no âmbito do Ensino de Arte: estudos comparados entre Brasil e Argentina – OFPEA/BRARG é um projeto em rede bilateral que articula pesquisadores acadêmicos da América Latina, sobretudo do Brasil e Argentina. Suas ações iniciaram em 2011. Apresenta como objeto de estudo os mais diversos aspectos constituintes da conjuntura de formação docente em artes visuais, com ênfase nas licenciaturas. Atualmente, é coordenado, no Brasil, pela professora doutora Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva, da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) e, na Argentina, pelo professor doutor Federico Buján, da Universidad Nacional de las Artes (UNA) e Universidad Nacional de Rosario (UNR).

Encontrei um professor que era diretor do departamento de crítica de arte, e foi para esse departamento que fiz o meu pós-doutorado.

E por estar no departamento de crítica de arte, eu fui ao Museu de Arte Latino Americana para fazer a segunda parte do meu projeto de pós-doutorado com os programas que atendiam às famílias. Entre essas famílias, os grupos especiais e atendimentos a pessoas da terceira idade, eu encontrei pessoas com deficiências.

Quando eu cheguei à então IUNA contando um pouco para o meu orientador sobre o meu trabalho e o que eu fazia, ele disse: “Vou apresentar duas pessoas para você que são do departamento de formação docente: o Federico¹¹ e a Marina, que são dois professores do departamento com muita afinidade com o que você faz.”

Como havia várias carreiras de professorado, também havia um departamento de formação, como se fosse um departamento de pedagogia que atendia a todas as licenciaturas.

Daí em diante, foi como se eu tivesse encontrado meus irmãos gêmeos. Foi uma simbiose muito grande entre as coisas que eu pensava e que eles pensavam, o que eu fazia e o que eles faziam.

Na universidade, não tinha muito espaço físico, mas tinha uma cafeteria do lado do instituto. Então, brincávamos que foi comendo uma fatia de bolo de chocolate que criamos o Observatório. Porque, conversa vai, conversa vem, eu disse: tenho um projeto!

É que o Observatório já existia e estava engavetado porque eu não tinha encontrado no Brasil alguém com afinidade teórica que quisesse construí-lo comigo. E quando surgiu um edital que era Brasil e Argentina enquanto eu estava lá, juntou-se, como diríamos no dito popular, a fome com a vontade de comer.

Conseguimos usar esse edital para fazer o projeto funcionar, tinham bolsas para ir e vir; no pós-doutorado, havia recursos para missões de trabalho e eventos que fizemos.

¹¹ Federico Bujan. Doutor em humanidades e Artes pela Universidad Nacional de Rosario (UNR), Argentina. Pós-doutorado pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Pós-doutorado pelo Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas de la República Argentina (Conicet). Professor titular na faculdade de humanidades e artes da Universidad Nacional de Rosario (UNR). Professor responsável de cátedra no Departamento de Ciencias Sociales da Universidad de San Andrés (Udesa). Professor e pesquisador na Universidad Nacional de las Artes (UNA).

Foram anos bem interessantes. Mas o começo foi em 2011, o Observatório passou a funcionar em 2012, e foi até 2014.

Depois que começou a crise do governo Temer, nunca mais teve um fomento como aquele para avançarmos nas pesquisas, principalmente na Argentina, porque, no Brasil, temos uma organização e uma rede de pesquisadores.

Hoje, estávamos fazendo a conta e, atualmente, reunimos 12 universidades e 2 institutos federais. Naquela época, tínhamos só 3 universidades no Brasil e 2 na Argentina, onde, até hoje, não conseguimos ampliar a rede do Observatório porque não há bolsista de iniciação científica lá, pois o fomento às pesquisas, a política de grupos de pesquisa, as horas para o desenvolvimento de pesquisa, tudo é muito restrito.

Isso atrapalha o desenvolvimento da rede. E essas são questões que ainda temos para resolver.

Assim, nasceu o Observatório. A sua organização teve algumas modificações na Argentina e, no Brasil, ampliamos bastante a rede. Hoje, o professor Federico coordena na Argentina e eu coordeno no Brasil.¹²

Thalita:

Seguindo a mesma linha, eu queria perguntar para você sobre outro projeto que você coordena, o LIFE, o laboratório interdisciplinar de formação de educadores. E pedir que você também aborde como o LIFE tem esse encaminhamento para a criação de objetos pedagógicos.

Maria Cristina: Em toda a minha carreira, principalmente, claro, depois que eu consegui me efetivar na UDESC, eu sempre tentei entrelaçar as dimensões do ensino, pesquisa e extensão.

Isso sempre foi uma coisa que ficou muito clara na minha cabeça. Eu nunca fiz só ensino, só pesquisa ou só extensão, mas sempre entrelacei e, claro, o LIFE e a entrada na pós-graduação foram o auge dessa atividade.

¹² No final de 2023, quase no apagar das luzes, aprovamos um projeto internacional a partir do edital MCTI/CNPq nº 14/2023 com recursos para pesquisa entre Portugal, Brasil e Argentina.

O LIFE é resultado de uma política pública do governo Dilma, um fomento que criou os laboratórios interdisciplinares de formação de educadores. No nosso caso, chama-se Tecnologia, Educação e Artes, e tem dois na UDESC, sendo um em Florianópolis, e um em Joinville com outro nome e que envolve as ciências exatas.

Ambos nasceram com essa demanda de formação continuada nos cursos de graduação, estabelecendo relações com a formação de professores também nas redes públicas de ensino.

Só que, no primeiro ano que aprovamos este edital, ele veio somente para equipamento. O objeto dele era a criação de laboratórios para constituir um espaço para acontecer a formação docente.

Nessa experiência, começamos a desenvolver as atividades e entrelaçar outros editais.

Portanto, o LIFE é um programa de extensão, mas também é um laboratório. Ele tem essa característica de reunir ensino, pesquisa e extensão. Então, vamos pensar em termos de um projeto guarda-chuva e que, embaixo dele, temos as dimensões de: ensino, pesquisa, extensão.

Um dos editais que temos é de apoio ao ensino de graduação - Prapeg. Foi com ele que começamos a desenvolver, em 2010, o LIFE.

Nos anos iniciais do governo Lula, houve grande quantidade de fomento, de projetos, o que deu muita desenvoltura para os projetos de ensino, pesquisa e extensão florescerem.

A minha entrada na pós-graduação, em 2007, a criação da revista Educação Arte Inclusão¹³, em 2008, tudo isso faz parte desse projeto guarda-chuva que constrói e desenvolve essas perspectivas.

Como naquele momento eu trabalhava com públicos com deficiência, pensar em 'como eu poderia criar instrumentos para uma melhor formação para pessoas com deficiência'; 'como ensinar arte de forma melhor para pessoas surdas, cegas e com diferentes dificuldades de aprendizagem', tudo isso me interessava.

E após um conjunto bastante expressivo de pesquisas, trabalhando com criação de objetos pedagógicos, começamos a perceber que esses objetos não eram

¹³ Para acessar a revista e conhecer melhor: <https://periodicos.udesc.br/index.php/arteinclusao>

bons somente para pessoas com deficiência, mas também para os processos de aprendizagem de todos os estudantes.

Veio daí a ideia de universalizar a aprendizagem a partir desses suportes. E esse movimento foi crescendo, saindo da especificidade da educação especial e entrando no meu *modus operandi*, no ensino de graduação e de pós-graduação.

Preciso dizer que, quando comecei a desenvolver o Observatório, ele abarcou um conjunto específico de pesquisas que focaram na formação de professores, nas análises curriculares, naquilo que se poderia dizer sobre a formação nos cursos de graduação.

Mas depois de certo tempo, essa temática foi se esgotando, e nós criamos outras possibilidades de problematizar a formação. Isso contribuiu com a produção de materiais didáticos, de objetos pedagógicos no museu e na escola, e esses elementos começaram a crescer e também ganhar corpo.

Hoje, eu atuo em três programas de pós-graduação: o PPGAV, vinculado ao meu departamento; o PROFartes (mestrado profissional em Artes), mestrado profissional que atua diretamente com a educação básica, do qual as duas entrevistadoras são egressas; e no Programa de Educação, que é nota 5 da UDESC.

A quantidade de recursos humanos formados ao longo dos anos é bastante expressiva, e essas temáticas também estão percorrendo as dissertações, por isso eu digo que tudo vai se relacionando a partir de uma perspectiva teórica, pensando-se o materialismo histórico-dialético e, de uns anos pra cá, mais profundamente a pedagogia histórico-crítica¹⁴.

Durante a pandemia, quando comecei a estudar em um grupo externo com especificidade nessa temática, só que reunindo professores de língua portuguesa, ciências, história, matemática, educação física e artes, eu era a única representante na área de artes visuais.

Até hoje, temos bastante dificuldade para encontrar pessoas vinculadas ao materialismo histórico-dialético na arte porque esse campo é muito encharcado pelos pressupostos e perspectivas pós-modernas.

¹⁴ Para saber mais sobre a pedagogia histórico-crítica e o ensino de artes visuais, leia: https://anpap.org.br/anais/2019/PDF/ARTIGO/28encontro____FONSECA_DA_SILVA_Maria_Cristina_da_Rosa_2290-2304.pdf

Enfim, eu estudei muito a pedagogia histórico-crítica naquele contexto e, de lá para cá, mergulhamos mais ainda nesses pressupostos, nessa perspectiva teórica. Na verdade, nós somos o grupo de pesquisa no Brasil que mais tem pensado e escrito sobre a pedagogia histórico-crítica e o ensino da arte.

Janaína:

Dito isso, pode nos falar um pouco sobre o contexto da UDESC em 2023?

Maria Cristina: A UDESC é muito complexa. Eu abracei essa universidade desde os 16 anos e este ano eu completei 56.

Entendo que ela tem dois aspectos que a caracterizam. O primeiro é o conservadorismo presente no nosso estado. E o segundo, bem melhor, é ser uma universidade com corpo docente muito qualificado, e com muitas possibilidades.

Ao longo dos anos, a Udesc vem aprendendo a se comportar no meio acadêmico, e vem construindo os seus processos democráticos e o respeito aos fóruns da universidade.

Hoje, temos o crescimento na pesquisa e na sua verticalização com inúmeros cursos de pós-graduação. E praticamente 90% dos seus cursos de graduação têm nota máxima.

Temos fomentos para uma série de coisas, como para sair para congresso nacional, e internacional, e para os nossos estudantes de graduação e de pós-graduação poderem participar desses eventos e democratizar o acesso às pesquisas que acontecem na universidade.

Nós temos um corpo técnico-administrativo também muito qualificado e participativo. Uma estrutura física bastante adequada. Tudo isso é o lado bom da UDESC.

E para mim, assim como para outras tantas pessoas apaixonadas pelo ensino, a sala de aula e todo lugar de troca com os estudantes poderiam ter menos questões burocráticas em torno da docência. Mesmo assim, vamos buscando dar conta da demanda.

Hoje, precisamos de mais técnicos e mais professores para dividir o trabalho e nos dedicar com mais profundidade ao ensino, à pesquisa e à extensão.

Eu estou completando 29 anos de docência na UDESC, em setembro do ano que vem, em tese, eu já poderia me aposentar porque tenho licença prêmio que nunca tirei na vida.

Enfim, fiz uma boa contribuição para a universidade e me sinto satisfeita com tudo o que fiz.

Thalita:

E falando um pouco de satisfação, dentre toda a sua experiência na docência e enquanto pesquisadora, deve ter muitos momentos em que você pensa: “esse aí é o caminho certo, estamos conseguindo. ” Eu gostaria que você pudesse falar um pouco disso, desse trabalho na prática docente junto aos estudantes, seja no estágio, na residência ou nas orientações.

Maria Cristina: Como eu não acredito em uma dicotomia entre teoria e prática, eu penso que é por meio do amadurecimento teórico que se tem propiciado um amadurecimento em relação ao que fazer na sala de aula.

Como estamos o tempo todo lidando com professores em formação na graduação, quem vem fazer a pós-graduação e os professores do projeto de assessoria pedagógica do LIFE que estão atuando nas redes (na atualidade, temos Capinzal, Balneário Camboriú e estamos iniciando em Biguaçu no próximo ano) já têm essa expectativa de responder a uma prática mais qualificada dentro da pedagogia histórico-crítica.

Claro que sabemos que uma pedagogia socialista sendo colocada em prática em uma sociedade capitalista é um problema que nem sempre vai se resolver em toda a sua dimensão. Mas nós precisamos desenvolver nesta sociedade experiências mais qualificadas para, um dia, produzir outro modelo de sociedade.

Então, o que podemos sistematizar de tudo isso:

Primeiro, ela é uma proteção integral ao sujeito humano em todas as suas dimensões.

Segundo, é uma proteção ao meio ambiente, porque ninguém pode pensar em um ser humano feliz em uma sociedade com uma crise ambiental.

Depois, temos que pensar em quais tarefas a pedagogia histórico-crítica tem dentro da escola, e quais delas são possíveis. Saviani, no livro *a Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações*, enumera três delas:

A primeira é selecionar, entre tudo que a humanidade produziu e que está público, inclusive aquilo que não está sistematizado como conteúdo, como outras culturas, a produção de outros grupos étnicos, em outros tempos, aquilo que foi selecionado para fazer parte da história da arte e aquilo que não foi selecionado, e elencar o que vai fazer parte do currículo do ensino das artes visuais.

Isso é, digamos assim, um desafio da docência: ter um professor capaz de fazer tal seleção.

A segunda tarefa é, dentro de tudo isso que foi elencado, pensar em como é que transformamos essa linguagem científica, artística e filosófica em conteúdo escolar?

Porque uma criança de 5 anos não aprende da mesma forma que um adulto de 18, que um adolescente de 14, ou que uma criança de 1 ano.

Precisamos, então, não só pensar nos conteúdos como também nas formas mais elaboradas de inseri-los na escola.

E a terceira tarefa seria pensar em metodologias, em formas mais avançadas de propiciar processos didáticos para a sala de aula, em como o aluno aprende de forma melhor e mais aprofundada.

Temos feito isso: estudado e problematizado esse papel de professor muito específico, com uma formação e um repertório bastante qualificados.

Uma pessoa que tenha condições para estar sempre estudando e se reinventando nesse processo de aprender e de ensinar. Porque, se o professor parte de uma análise mais complexa da realidade, e o aluno está em outro ponto, o que podemos chamar de movimento sincrético, ou seja, o estudante está ainda de certa forma confuso em relação aos conteúdos, misturando aquilo que é consciência filosófica com o que é senso comum, esse docente deve saber que o papel da escola vai ser o de conduzir esse sujeito para outra lógica em outra forma de organização.

Esse processo é extremamente complexo e ele leva a vida inteira.

E mais proximamente temos pensado nesses conteúdos de arte. Quais são os mais valorizados, mais importantes, que não podem ficar de fora do processo escolar.

A partir de uma formação que eu ministrei para professores de Balneário Camboriú, em um processo de discussão com eles, elenquei oito grandes problemas para pensarmos a arte na humanidade, no campo das artes visuais.

Esse material foi distribuído nas escolas para alguns docentes pensarem sobre essas temáticas e para, digamos assim, organizarem um percurso para cada uma dessas temáticas.

E agora, estamos amadurecendo isso, e o programa Residência Pedagógica¹⁵ é prioritário para experimentar esses processos na prática. Os estudantes, sob orientação de uma professora supervisora, vão para a escola e, a partir desse material, eles estão experimentando e criando essas aulas, e estão sob a supervisão de um grupo que está olhando para esse material e para essas práticas.

A ideia é sair da superfície e chegar a espaços e contextos mais aprofundados. E esses são alguns dos movimentos que temos feito.

Thalita:

Queremos agradecer você não só por essa entrevista, mas por todo esse percurso que estamos fazendo.

Maria Cristina: Eu que agradeço por poder falar isso e deixar registrado o que estamos fazendo para todos.

Janaina:

¹⁵ O Programa Residência Pedagógica (PRP) é um programa de iniciação à docência que envolve a atuação de estudantes de cursos de licenciaturas em escolas públicas. A professora refere-se ao trabalho por ela coordenado junto ao PRP Sub-projeto Artes Edital 24/2022. O programa teve a duração de 18 meses e desenvolveu atividades em escolas públicas de ensino fundamental. Para conhecer mais, indicamos a leitura do texto “Relato de Experiências do Programa Residência Pedagógica: Aproximações com a Iniciação à Docência em Artes Visuais” de Enck, Nolasco e Terra, 2023. Disponível em https://www.formacaoarte.com.br/files/ugd/bb362a_305088de642e47eaac9522cc7e16b355.pdf. Acesso em Jan/2024.

Obrigada, Cris. Obrigada, Thalita pelo convite também. Obrigada pela confiança.

Considerações finais

O quadro **Entrevistando na Sala de Artes** é um dos projetos em desenvolvimento e coordenados pela professora **Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva**, em parceria com a professora **Thalita Emanuelle de Souza**.

O quadro foi idealizado com o intuito de mostrar a prática em sala de aula de professores que se identificam com a pedagogia histórico-crítica, e tem o objetivo de trazer os seus pressupostos para o ensino de artes visuais.

Desde sua estreia em 2019, foram entrevistados dois professores e seis professoras.

Após uma breve pausa na programação, o programa retomou suas atividades em outubro de 2023, com a entrevista aqui apresentada.

Para esse novo momento do quadro, contamos com a participação na bancada da professora Janaina Enck, doutoranda do PPGAV.

O convite para que a professora **Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva** participasse do quadro como entrevistada, e não apenas como entrevistadora, deu-se em virtude de sua sólida atuação dentro da Udesc em pesquisas e projetos que buscam a melhoria de qualidade do ensino de artes visuais nas escolas, através da qualificação da formação de seus professores.

Grande parte da produção bibliográfica realizada pelos grupos coordenados pela professora pode ser acessada no [site do Observatório de Formação de Professores Brasil/Argentina](https://observatorioformacaoarte.org/) (<https://observatorioformacaoarte.org/>); na [página do Ciclo de Debates Formação e Artes nos Processos Políticos Contemporâneos](https://www.formacaoearte.com.br/) (<https://www.formacaoearte.com.br/>), evento organizado bianualmente pelo grupo de pesquisa homônimo, no site do LIFE¹⁶ e no canal do Youtube¹⁷.

¹⁶ Disponível em <https://www.udesc.br/ceart/life>

¹⁷ Disponível em <https://www.youtube.com/@LIFEUDESC>

A expressiva trajetória como professora de artes na educação básica, junto à sólida formação continuada e ao engajamento no movimento estudantil, constitui a base do trabalho da professora entrevistada.

O constante diálogo entre todas essas instâncias faz com que Maria Cristina tenha um trabalho que não se destaca da realidade, bem pelo contrário, se evidencia na luta por uma educação pública e de qualidade em artes visuais.

A professora ressalta, dentro de toda a sua história, desde estudante até professora da rede básica, e agora professora de graduação e pós-graduação da Udesc, o compromisso com a classe trabalhadora e como isso interfere e permeia seus estudos dentro do materialismo histórico-dialético.

Esperamos que esta entrevista traga à luz a teoria estudada pela professora Maria Cristina e pelo Observatório, instigando novos pesquisadores a adentrarem o estudo do materialismo histórico-dialético e da pedagogia histórico-crítica.

Almejamos que ela demonstre a inseparabilidade entre teoria e prática, reforçando a ideia de que não há teoria desarticulada da prática.

Para alcançarmos uma educação transformadora, é imperativo, assim como a entrevistada enfatiza, estarmos engajados na prática das escolas públicas, nas lutas e enfrentamentos políticos. Precisamos, de fato, voltar ao chão da sala de aula.

Essa conexão direta com a realidade escolar é crucial para a compreensão e aplicação efetiva das teorias discutidas, enfatizando a importância de uma abordagem prática e contextualizada na busca por uma educação de qualidade para os filhos e filhas da classe trabalhadora.

Ao encerrar a entrevista, reforçamos a convicção de que a integração entre teoria e prática é crucial para uma educação transformadora.

Ao destacar a trajetória da professora **Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva**, sua dedicação à classe trabalhadora e seu compromisso com a pedagogia histórico-crítica, evidenciamos como sua construção social e política está intrinsecamente vinculada ao seu papel como professora e pesquisadora.

A entrevista não apenas revela a relação da entrevistada com o materialismo histórico-dialético e a pedagogia histórico-crítica, mas também destaca

sua formação como educadora, ressaltando a importância do engajamento na prática das escolas públicas e a necessidade de ação e envolvimento político.

A conexão direta com a realidade escolar torna-se essencial para uma compreensão efetiva das teorias, promovendo uma interlocução dialética entre teoria, prática e teoria.

Expressamos nossa gratidão à professora Maria Cristina pelas histórias compartilhadas, pelo caminho percorrido, pelo conhecimento transmitido e por ser “da luta”.

Esperamos que esta entrevista também inspire outras pessoas a se engajarem e acreditarem na educação como instrumento de transformação social, e sirva de convite constante para voltarem o olhar ao chão da sala de aula.

Data de submissão: 14/01/2024

Data de aceite: 29/02/2024

Data de publicação: 14/03/2024